

Edward Gibbon  
História do Declínio e  
Queda do Império Romano

VOLUME I

Edição preparada por **D. M. Low**

Traduzido do inglês (Inglaterra) por  
**Maria Emília Ferros de Moura**

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
AGRADECIMENTOS .....	23
HISTÓRIA DO DECLÍNIO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO	
O SÉCULO ÁUREO DOS ANTONINOS	
<i>Prólogo</i> (Extracto do Capítulo 3) .....	27
<i>Capítulo 1</i>	
A extensão e o conceito geral do Império Romano .....	32
<i>Conceito geral do Império Romano</i> .....	38
<i>Capítulo 2</i>	
A união e a prosperidade interna do Império Romano. As províncias e os monumentos. O incremento da agricultura .....	39
<i>As províncias</i> .....	45
<i>Monumentos romanos</i> .....	52
<i>O incremento da agricultura</i> .....	60
<i>Capítulo 3</i>	
A constituição do Império Romano. Conceito geral do sistema imperial.....	67
<i>Conceito geral do sistema imperial</i> .....	75

## DECLÍNIO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

### O DESAFIO AO ANTIGO REGIME

<i>Capítulo 4</i> (180-192 d. C.)	
O reinado de Cómodo.....	85

### O DESENVOLVIMENTO DA AUTOCRACIA MILITAR E O INFLUXO DO ORIENTALISMO

<i>Capítulo 5</i> (193-197 d. C.)	
A venda do império pelos pretorianos. A ascensão de Sétimo Severo	99
<i>Sétimo Severo</i> .....	104

<i>Capítulo 6</i> (211-235 d. C.)	
A dinastia de Severo. Caracala e Geta; Heliogábalo; Alexandre Severo. O crescimento da influência feminina na corte .....	109
<i>Caracala e Geta</i> .....	112
<i>Heliogábalo</i> .....	120
<i>Subida ao trono de Alexandre Severo</i> .....	124

### O DESMEMBRAMENTO DO IMPÉRIO

<i>Capítulo 7</i> (235-248 d. C.)	
Um imperador bárbaro. Os Gordianos. Filipe, o Árabe .....	129
<i>Os Gordianos</i> .....	136
<i>Filipe, o Árabe</i> .....	145

<i>Capítulo 10</i> (253-268 d. C.)	
Infortúnios gerais dos reinados de Valeriano e Galiano. Incursoes dos Godos. A invasão persa da Arménia e o cativo de Valeriano	148
<i>Incursoes dos Godos</i> .....	154
<i>A invasão persa da Arménia e o cativo de Valeriano</i> .....	162

### A MUDANÇA DE CURSO

<i>Capítulo 11</i> (268-275 d. C.)	
Zenóbia e o reino de Palmira. Triunfo e morte de Aureliano ....	175
<i>Triunfo e morte de Aureliano</i> .....	183

## SUMÁRIO

### O NOVO SISTEMA IMPERIAL

#### *Capítulo 13* (285-313 d. C.)

O reinado de Diocleciano e dos seus três colegas. O seu triunfo e a nova ordem. O desenvolvimento do cerimonial da corte. Abdicação e morte de Diocleciano. Declínio das artes . . . . .	191
<i>Triunfo e nova ordem de Diocleciano</i> . . . . .	196
<i>O desenvolvimento do cerimonial da corte.</i> . . . . .	200
<i>Abdicação e morte de Diocleciano.</i> . . . . .	204
<i>Declínio das artes</i> . . . . .	209

#### *Capítulo 14* (312 d. C.)

Constantino em Roma. As suas reformas legais . . . . .	212
<i>Constantino em Roma</i> . . . . .	212
<i>Reformas legais de Constantino</i> . . . . .	215

### O AVANÇO DO CRISTIANISMO

#### *Capítulo 15*

Cinco causas da evolução do cristianismo. Condições favoráveis aos seus progressos. O número e a condição dos primitivos cristãos . . . . .	219
<i>O zelo inflexível dos cristãos herdado dos Judeus</i> . . . . .	221
<i>A doutrina de uma vida futura</i> . . . . .	235
<i>Poderes milagrosos da Igreja primitiva.</i> . . . . .	242
<i>Morais austeras dos primeiros cristãos.</i> . . . . .	246
<i>A evolução do governo da Igreja</i> . . . . .	253
<i>Condições favoráveis aos progressos do cristianismo.</i> . . . . .	268
<i>O número e a condição dos primitivos cristãos</i> . . . . .	276

#### *Capítulo 16* (258-313 d. C.)

A conduta do governo romano para com os cristãos. A atitude dos imperadores. O martírio de Cipriano. Políticas várias de perseguição. A Igreja sob Diocleciano e os seus sucessores. O edicto de tolerância de Galério . . . . .	282
<i>A atitude dos imperadores para com os cristãos</i> . . . . .	291
<i>O martírio de Cipriano</i> . . . . .	306
<i>Políticas várias de perseguição.</i> . . . . .	312

## DECLÍNIO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

<i>A Igreja sob Diocleciano e os seus sucessores</i> . . . . .	321
<i>O edicto de tolerância de Galério</i> . . . . .	334

## O MOVIMENTO PARA O ORIENTE

### *Capítulo 17* (324-334 d. C.)

A Nova Roma. A fundação e consagração de Constantinopla. Divisões de cargo na nova ordem de governo. Primórdios da polícia de Estado. . . . .	343
<i>A fundação da cidade.</i> . . . . .	349
<i>A consagração da cidade</i> . . . . .	355
<i>A nova ordem de governo.</i> . . . . .	356
<i>Os cônsules e os patrícios</i> . . . . .	358
<i>Os prefeitos, procônsules e governadores</i> . . . . .	361
<i>Os sete ministros do palácio.</i> . . . . .	368
<i>Primórdios da polícia de Estado</i> . . . . .	373

### *Capítulo 18* (324-337 d. C.)

O carácter de Constantino. A sua família. A sua morte. A ascensão da Pérsia sob Sapor II . . . . .	376
<i>A família de Constantino.</i> . . . . .	379
<i>A morte de Constantino</i> . . . . .	387
<i>A ascensão da Pérsia sob Sapor II.</i> . . . . .	390

### *Capítulo 19* (355-359 d. C.)

A elevação de Juliano. A sua administração civil na Gália. O seu amor à cidade de Paris . . . . .	392
<i>Administração civil de Juliano na Gália.</i> . . . . .	394
<i>Juliano e a cidade de Paris.</i> . . . . .	396

## O RECONHECIMENTO DO CRISTIANISMO

### OS COMEÇOS DA HERESIA

### *Capítulo 20* (306-337 d. C.)

A conversão de Constantino. O seu edicto de tolerância. A sua visão e o seu baptismo. O estabelecimento legal do cristianismo. Distinção entre poderes espirituais e temporais . . . . .	399
--	-----

## SUMÁRIO

<i>O edicto de tolerância</i> .....	402
<i>A visão de Constantino</i> .....	408
<i>O baptismo de Constantino</i> .....	413
<i>O estabelecimento legal do cristianismo</i> .....	418
<i>Distinção entre os poderes espiritual e temporal</i> .....	420
<i>Capítulo 21 (312-361 d. C.)</i>	
Arianismo. O concílio de Niceia e o <i>homoousion</i> . Os imperadores e a controvérsia ariana. O carácter e as aventuras de Atanásio. Os concílios de Arles e de Milão. O carácter geral das seitas cristãs .....	434
<i>O concílio de Niceia e o Homoousion</i> .....	437
<i>Os imperadores e a controvérsia ariana</i> .....	442
<i>O carácter e as aventuras de Atanásio</i> .....	450
<i>Os concílios de Arles e de Milão</i> .....	458
<i>O carácter geral das seitas cristãs</i> .....	467

## A CONTRA-REFORMA PAGÃ

<i>Capítulo 22 (361-363 d. C.)</i>	
A sucessão de Juliano. O seu carácter .....	473
<i>A sucessão de Juliano</i> .....	473
<i>O carácter de Juliano</i> .....	476
<i>Capítulo 23 (361-363 d. C.)</i>	
A religião de Juliano. O seu fanatismo. A sua restauração e reforma do paganismo. O seu comportamento para com os Judeus. A sua opressão dos cristãos. O templo e o bosque sagrado de Dafne. São Jorge. Juliano e Atanásio .....	479
<i>O fanatismo de Juliano</i> .....	485
<i>A restauração e a reforma do paganismo por Juliano</i> .....	491
<i>Juliano e os Judeus</i> .....	498
<i>A opressão dos cristãos por Juliano</i> .....	503
<i>O templo e o bosque sagrado de Dafne</i> .....	507
<i>São Jorge</i> .....	511
<i>Juliano e Atanásio</i> .....	514

DECLÍNIO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

<i>Capítulo 24</i> (363 d. C.)	
Eleição de Joviano. Reflexões sobre a morte de Juliano. . . . .	519
<i>A eleição de Joviano.</i> . . . . .	519
<i>Reflexões sobre a morte de Juliano</i> . . . . .	528
 O REGRESSO DO CRISTIANISMO ÀS BOAS GRAÇAS	
<i>Capítulo 25</i> (363-384 d. C.)	
Os cristãos sob Joviano . . . . .	531
 <i>Capítulo 27</i> (374-397 d. C.)	
Ambrósio, arcebispo de Milão. Virtudes e defeitos de Teodósio. A sedição de Antioquia e a chacina de Tessalonica. A penitência de Teodósio. A personalidade e a morte de Valentiniano. A morte de Teodósio . . . . .	534
<i>Ambrósio, arcebispo de Milão</i> . . . . .	535
<i>As virtudes e os defeitos de Teodósio.</i> . . . . .	540
<i>A sedição de Antioquia.</i> . . . . .	542
<i>A chacina de Tessalonica</i> . . . . .	545
<i>A penitência de Teodósio</i> . . . . .	548
<i>A personalidade e a morte de Valentiniano</i> . . . . .	550
<i>A morte de Teodósio</i> . . . . .	556
 <i>Capítulo 28</i> (378-420 d. C.)	
O fim do paganismo. A destruição do templo de Serápis. A proibição dos ritos pagãos. Culto dos mártires cristãos e ressurgimento de práticas politeístas . . . . .	560
<i>A destruição do templo de Serápis.</i> . . . . .	568
<i>A proibição de ritos pagãos</i> . . . . .	572
<i>Culto dos mártires cristãos e ressurgimento de práticas politeístas</i>	576
 ÍNDICE ONOMÁSTICO . . . . .	585

## O SÉCULO ÁUREO DOS ANTONINOS

### *Prólogo*

#### (Extracto do Capítulo 3)

Se pedissem a alguém que designasse o período da História do mundo em que a condição da raça humana foi mais feliz e próspera, a escolha recairia, sem hesitações, no que decorreu desde a morte de Domiciano até à entronização de Cómodo. A vasta extensão do Império Romano era governada por um poder absoluto, sob a égide da virtude e da sabedoria. Os exércitos foram contidos pela mão firme, mas suave, de quatro imperadores sucessivos, cujo carácter e autoridade impunham um respeito instintivo. As formas da administração civil foram cuidadosamente preservadas por Nerva, Trajano, Adriano e os Antoninos, que cultivaram a imagem da liberdade e se glorificavam de ser os ministros responsáveis pelo cumprimento das leis. Estes príncipes teriam sido dignos de restaurar a República, se os Romanos do seu tempo fossem capazes de usufruir de uma liberdade racional.

Os esforços destes monarcas foram bem recompensados pela imensa paga que sempre acompanhava o seu êxito; pelo genuíno orgulho da virtude e pela requintada satisfação de contemplarem o bem-estar de que eram autores. Um justo, mas triste pensamento, perturbava contudo os mais nobres prazeres humanos. Eles devem

ter meditado frequentemente na instabilidade de uma felicidade que dependia do carácter de um único homem. Talvez se aproximasse o momento fatal em que um jovem desregrado ou qualquer tiranico abusasse, até o destruir, do poder absoluto que eles tinham exercido em benefício do seu povo. O freio ideal do Senado e das leis podia servir para desenvolver as virtudes do imperador, mas jamais corrigiria os seus vícios. O poder militar constituía um cego e irresistível instrumento de opressão; e a corrupção dos costumes romanos iria sempre originar adúladores, ansiosos por aplaudir, e ministros dispostos a servir o medo ou a avareza, a volúpia ou a crueldade, dos seus soberanos.

Estas sombrias apreensões já haviam sido justificadas pela experiência dos Romanos. Os anais dos imperadores revelam um variado e enérgico retrato da natureza humana, que em vão procuraríamos entre as desconhecidas e dúbias personagens da história moderna. A conduta destes monarcas dá-nos um quadro das linhas extremas do vício e da virtude; a mais elevada perfeição e a mais vil degradação da nossa própria espécie. A idade de ouro de Trajano e dos Antoninos fora antecedida de uma idade do ferro. Quase se torna supérfluo enumerar os indignos sucessores de Augusto. Os seus vícios sem paralelo e o grandioso cenário em que actuaram salvaram-nos do esquecimento. O sombrio e impiedoso Tibério, o colérico Calígula, o fraco Cláudio, o devasso e cruel Nero, o brutal Vitélio e o timorato e desumano Domiciano estão condenados a uma eterna ignomínia. Ao longo de oitenta anos (exceptuando apenas a breve e incerta trégua do reinado de Vespasiano), Roma gemeu sob uma permanente tirania que exterminou as antigas famílias da República e se revelou fatal a quase todas as virtudes e talentos que surgiram em tão desafortunado período.

Durante o reinado destes monstros, a servidão dos Romanos fez-se acompanhar de duas circunstâncias especiais, sendo a primeira a recordação da sua antiga liberdade, e a outra as suas imensas conquistas, que tornaram a sua situação mais desditosa que a das vítimas da tirania em qualquer outra época ou país. Estas causas ocasionaram: 1) A aguda sensibilidade dos sofredores; e 2) A impossibilidade de escapar ao jugo do opressor.

I. Quando a Pérsia era governada pelos descendentes de Sefi, uma raça de príncipes cuja caprichosa crueldade lhes manchava frequentemente os coxins, as mesas e as camas com o sangue dos seus favoritos, contava-se o dito de um jovem que assegurava nunca sair da presença do sultão sem se certificar de que a sua cabeça continuava em cima dos ombros. A experiência diária quase justificava o cepticismo de Rustan. No entanto, a espada fatal, suspensa por um simples fio sobre a sua cabeça, não perturbava aparentemente o sono nem alterava a tranquilidade do persa. Ele tinha perfeita consciência de que o franzir de sobrolho do monarca bastaria para o reduzir a pó; mas o cair de um raio ou um ataque de apoplexia poderiam igualmente ser fatais; e o papel de um homem sábio consistia em esquecer as inevitáveis calamidades da vida humana na fruição das horas fugazes. Sentia-se dignificado com o qualificativo de escravo do rei; talvez tivesse sido comprado a uns pais obscuros, numa terra que nunca chegara a conhecer; e, desde a infância, fora exercitado dentro da rigorosa disciplina do serralho. O seu nome, a sua riqueza e as suas honras eram a dádiva de um amo que poderia, sem injustiça, retirar o que oferecera. Os conhecimentos de Rustan, se é que possuía alguns, apenas poderiam servir para confirmar os seus hábitos mercê de preconceitos. A sua linguagem não lhe proporcionava palavras para qualquer forma de governo que não fosse a monarquia absoluta. A História do Oriente informava-o de que sempre havia sido esta a condição da humanidade(\*). O Alcorão e os comentadores deste divino livro inculcavam-lhe a noção de que o sultão era descendente do profeta e representante dos céus; que a paciência era a primeira virtude de um muçulmano, e a obediência ilimitada o grande dever de um súbdito.

As mentes dos Romanos estavam preparadas de uma forma muito diferente para a servidão. Oprimidos sob o peso da sua própria corrupção e da violência militar, eles preservaram durante muito tempo os sentimentos ou, pelo menos, as ideias dos seus antepassados nascidos em liberdade. A educação de Helvídio e de Trásea,

---

(\*) Chardin afirma que viajantes europeus divulgaram entre os Persas algumas ideias sobre a liberdade e a amenidade dos nossos governos. Prestaram-lhes um péssimo serviço.

de Tácito e de Plínio foi idêntica à de Catão e de Cícero. Tinham bebido na filosofia grega as noções mais justas e liberais da dignidade da natureza humana e da origem da sociedade civil. A história do seu próprio país havia-os ensinado a venerar uma república livre, virtuosa e vitoriosa; a abominar os crimes bem-sucedidos de César e de Augusto; e a desprezar intimamente esses tiranos que eles idolatravam com a mais abjecta lisonja. Como magistrados e senadores, eram admitidos no grande conselho que outrora ditara a lei na Terra, cujo nome continuava a sancionar os decretos do monarca e cuja autoridade se prostituía tão frequentemente aos mais vis propósitos de tirania. Tibério e os imperadores que adoptaram as regras de conduta dele tentaram dissimular os seus crimes sob as formalidades da justiça, e talvez sentissem um secreto prazer em fazer do Senado simultaneamente seu cúmplice e sua vítima. Foi esta assembleia que condenou os últimos dos Romanos por crimes imaginários e reais virtudes. Os seus infames acusadores usavam a linguagem de patriotas independentes que fizessem comparecer um perigoso cidadão diante do tribunal do seu país; e o serviço público era recompensado por riquezas e honrarias. Os servis juízes declaravam defender a majestade da República, violada na pessoa do seu primeiro magistrado, cuja clemência tanto mais aplaudiam quanto temiam a sua inexorável e iminente crueldade. O tirano encarava a vileza deles com justo desprezo e respondia aos seus secretos sentimentos de aversão com um ódio sincero e aberto a todo o corpo do Senado.

II. A divisão da Europa numa série de Estados independentes, embora ligados uns aos outros por uma semelhança geral de religião, língua e costumes, originou as mais benéficas consequências para a liberdade da humanidade. Um tirano moderno que não encontrasse resistência no seu próprio íntimo ou no seu povo não tardaria a experimentar uma branda restrição vinda do exemplo dos seus iguais, do receio da coeva censura, do alvitre dos aliados e do temor dos inimigos. Ao transpor os estreitos limites do seu domínio, um súbdito perseguido pela sua cólera conseguiria facilmente, num ambiente mais feliz, um refúgio seguro, uma nova sorte adequada ao seu valor, a liberdade de reivindicar e, talvez, os meios de vingança. O império dos Romanos, contudo, enchia o mundo, e, quando este

império caiu nas mãos de uma só pessoa, o mundo tornou-se uma segura e temível prisão para os seus inimigos. O escravo do despotismo imperial, quer fosse condenado a arrastar as suas correntes douradas em Roma e no Senado, ou a levar uma vida de exílio nos áridos rochedos de Serifo ou nas margens geladas do Danúbio, aguardava o seu destino com silencioso desespero(\*). Resistir era fatal, e fugir algo impossível. Via-se rodeado, por todos os lados, de uma vasta extensão de mar e terra que jamais poderia esperar atravessar sem ser descoberto, preso e devolvido ao seu irritado amo. Para lá das fronteiras, o seu olhar ansioso nada mais divisava, excepto o oceano, desertos inóspitos, tribos hostis de bárbaros, com usos ferozes e uma língua desconhecida, ou reis dependentes, que de bom grado comprariam a protecção do imperador mediante o sacrifício de um indesejável fugitivo(\*\*). «Onde quer que estejas», disse Cícero ao exilado Marcelo, «lembra-te de que estás também ao alcance do braço do conquistador.»

---

(\*) Serifo era uma ilhazinha rochosa no mar Egeu, cujos habitantes se viam desprezados pela sua ignorância e obscuridade. O lugar do exílio de Ovídio é sobejamente conhecido pelos seus justos, mas pusilânimes lamentos. Ao que parece, recebeu apenas uma ordem para abandonar Roma no prazo de uns dias e partir para Tomos. Não eram necessários guardas nem carcereiros.

(\*\*) No reinado de Tibério, um cavaleiro romano tentou fugir para junto dos Partos. Foi detido no estreito da Sicília; mas o exemplo pareceu oferecer tão ínfimo risco, que o mais cioso dos tiranos não se deu ao trabalho de o punir.

## *Capítulo 1*

### A extensão e o conceito geral do Império Romano

As principais conquistas dos Romanos foram realizadas sob a República; e a maioria dos imperadores contentou-se em preservar estes domínios que tinham sido adquiridos graças à política do Senado, à emulação activa dos cônsules e ao entusiasmo guerreiro do povo. Os sete séculos iniciais caracterizaram-se por uma rápida sucessão de triunfos; mas estava reservado a Augusto desistir do ambicioso desígnio de submeter o mundo inteiro e introduzir um espírito de moderação nos conselhos públicos. Propenso à paz por temperamento e condição, não teve dificuldade em concluir que Roma, na sua presente e engrandecida situação, tinha muito menos a esperar do que a temer da sorte das armas; e que, com a continuação de guerras longínquas, o empreendimento se complicava de dia para dia, o êxito se tornava mais duvidoso, e a posse mais precária e menos benéfica. A experiência de Augusto veio dar peso a estas salutares reflexões e convenceu-o realmente de que, por meio do prudente vigor das suas deliberações, seria fácil obter dos mais temíveis bárbaros quaisquer concessões exigidas pela segurança ou dignidade de Roma. Em vez de expor a sua pessoa e as suas legiões às setas dos Partos, conseguiu, por meio de um honroso tratado, a restituição das insígnias e dos prisioneiros que tinham sido capturados após a derrota de Crasso.

No início do seu reinado, os seus generais tentaram subjugar a Etiópia e a Arábia Feliz. Avançaram cerca de trezentas léguas a sul do trópico; mas o clima abrasador depressa repeliu os invasores e protegeu os pacíficos nativos daquelas regiões distantes. As zonas setentrionais da Europa quase não mereciam as despesas e o esforço da conquista. As florestas e pântanos da Germânia fervilhavam de uma corajosa raça de bárbaros que desprezavam a vida quando estava separada da liberdade; e embora, no primeiro ataque, parecessem ceder ao peso do poderio romano, não tardaram, mercê de um assinalável acto de desespero, a recuperar a independência e a recordar a Augusto as vicissitudes da sorte. Por ocasião da morte deste imperador, o seu testamento foi lido publicamente no Senado. Deixou como valioso legado aos seus sucessores o alvitre de confinarem o império aos limites que a Natureza parecia ter traçado como permanentes baluartes e fronteiras: a ocidente, o oceano Atlântico; o Reno e Danúbio, a norte; o Eufrates, a oriente; e, na direcção do sul, os desertos arenosos da Arábia e de África.

Felizmente, para sossego da humanidade, o sistema de moderação recomendado pela sabedoria de Augusto foi adoptado pelos receios e vícios dos seus sucessores imediatos. Empenhados na busca do prazer ou no exercício da tirania, os primeiros Césares raras vezes se mostraram aos seus exércitos ou nas províncias; tão-pouco estavam dispostos a consentir que os triunfos que a indolência deles negligenciava fossem usurpados pela conduta e o valor dos seus lugar-tenentes. A fama militar de um súbdito era considerada um insolente atentado à prerrogativa imperial; e passou a fazer parte do dever, mas também do interesse de todos os generais romanos, defender as fronteiras confiadas aos seus cuidados, sem aspirações a conquistas que talvez se revelassem não menos fatais a si próprios do que aos bárbaros vencidos.

Durante o primeiro século da era cristã, a única aquisição recebida pelo Império Romano foi a província da Bretanha. Tratou-se do único caso em que os sucessores de César e de Augusto se sentiram levados a preferir o exemplo do primeiro às prescrições do último. A proximidade a que ela se achava da costa da Gália parecia um convite às armas; a notícia agradável, embora duvidosa, de uma pescaria de pérolas instigou-lhes a cobiça; e, dado a Bretanha ser

encarada como um mundo distinto e isolado, a conquista quase não constituía uma excepção ao sistema geral de medidas adoptadas para o continente. Após uma guerra de cerca de quarenta anos, iniciada pelo mais estúpido, mantida pelo mais dissoluto e terminada pelo mais timorato de todos os imperadores, a maior parte da ilha submeteu-se ao jugo romano. As várias tribos de bretões possuíam valor sem chefia, e amor à liberdade sem espírito de união. Pegaram em armas com um ardor selvagem; depuseram-nas ou viraram-nas uns contra os outros, com uma enorme inconstância; e, enquanto lutavam separadamente, foram submetidos uns após outros. Nem a bravura de Carátaco, o desespero de Boadiceia ou o fanatismo dos druidas conseguiram afastar a escravidão do seu país ou resistir ao constante avanço dos generais imperiais, que preservavam a glória nacional quando o trono era envilecido pelo mais fraco ou mais depravado do género humano. Na mesma altura em que Domiciano, fechado no seu palácio, sentia o terror que inspirava, as suas legiões, sob o comando do virtuoso Agrícola, derrotaram as forças reunidas dos Caledónios no sopé dos montes Grampianos; e as suas armadas, aventurando-se a enfrentar uma desconhecida e perigosa navegação, puseram os exércitos romanos em volta de toda a ilha. A conquista da Bretanha era já considerada um facto consumado; e o objectivo de Agrícola consistiu em completar e assegurar este êxito mediante a fácil submissão da Irlanda, para o que, em seu entender, bastavam uma legião e algumas tropas auxiliares. Esta ilha ocidental poderia ser transformada numa valiosa possessão e os Bretões carregariam as suas correntes com menos relutância se o panorama e o exemplo da liberdade lhes fossem apartados do olhar em todo o lado.

No entanto, o mérito superior de Agrícola depressa ocasionou o seu afastamento do governo da Bretanha; e assim se frustrou para sempre este racional, ainda que dilatado, plano de conquista. Antes da sua partida, o prudente general tinha zelado pela segurança e bem assim pela soberania. Observara que a ilha se encontrava quase dividida em duas partes desiguais por golfos opostos ou, como agora se designam, pelos Estuários da Escócia. Através do estreito intervalo de cerca de quarenta milhas, ele traçou uma linha de postos militares, que foi mais tarde fortificada, no reino de Antonino Pio por um muro de turfa erguido sobre alicerces de pedra.

Esta muralha de Antonino, situada um pouco para lá das modernas cidades de Edimburgo e de Glasgow, foi fixada como limite da província romana. Na extremidade setentrional da ilha, os nativos Caledónios preservaram a sua indómita independência, que não deviam menos à sua pobreza do que à sua coragem. As incursões deles foram muitas vezes repelidas e punidas, mas o seu país nunca se submeteu. Os soberanos dos mais amenos e férteis climas do globo desviavam desdenhosamente o olhar dos montes sombrios açoitados pelas tempestades de Inverno, dos lagos envoltos numa névoa azulada e das frias e isoladas charnecas, onde os veados da floresta eram perseguidos por um bando de bárbaros nus.

Tais eram o estado das fronteiras romanas e os preceitos da política imperial desde a morte de Augusto até à subida de Trajano ao trono. Este virtuoso e dinâmico príncipe recebera a educação de um soldado e possuía os talentos de um general. O sistema pacífico dos seus antecessores foi interrompido por episódios de guerra e de conquista; e as legiões, após um longo intervalo, viam agora um imperador militar a chefiá-las. Os primeiros feitos de Trajano realizaram-se contra os Dácios, os mais bélicos dos homens, que habitavam para lá do Danúbio e que, durante o reino de Domiciano, haviam ofendido impunemente a majestade de Roma. À força e à intrepidez dos bárbaros vinha juntar-se um desapego à vida, resultante de uma inabalável crença na imortalidade e na transmigração da alma. Decébalos, o rei dácio, revelou-se um adversário à altura de Trajano; só desesperou da sua sorte e da fortuna da sua nação depois de, segundo confessaram os próprios inimigos, ter esgotado todos os recursos da coragem e da política. Esta guerra memorável, com uma escassa suspensão das hostilidades, prolongou-se por cinco anos; e, dado que o imperador pôde utilizar a seu bel-prazer toda a força do Estado, ela terminou com uma rendição absoluta dos bárbaros. A nova província da Dácia, que constituiu uma segunda excepção ao preceito de Augusto, media cerca de quatrocentas léguas de perímetro. As suas fronteiras naturais eram o Dniestre, o Tisza ou Tibisco, o Baixo Danúbio e o Ponto Euxino. Os vestígios de uma estrada militar ainda hoje se podem distinguir desde as margens do Danúbio às redondezas de Benderis, lugar famoso na História moderna e actual fronteira dos impérios turco e russo.

Trajano ambicionava a fama; e enquanto a humanidade continuar a tributar aplausos mais pródigos aos seus destruidores do que aos seus benfeitores, a sede de glória militar será sempre o vício dos caracteres mais elevados. Os louvores de Alexandre, transmitidos por uma série de poetas e historiadores, haviam despertado uma perigosa emulação no espírito de Trajano. Tal como ele, também o imperador romano empreendeu uma expedição contra as nações do Oriente; mas lamentou suspirosamente que a sua idade avançada pouca esperança lhe deixasse de igualar o renome do filho de Filipe. No entanto, o êxito de Trajano, ainda que transitório, foi rápido e estrondoso. Os Partos, degenerados e enfraquecidos por discórdias intestinas, fugiram à frente dos seus exércitos. Ele desceu triunfante o rio Tigre, desde as montanhas da Arménia ao golfo Pérsico. Desfrutou da honra de ser o primeiro, bem como o último dos generais romanos que alguma vez navegou neste mar remoto. As suas armadas devastaram as costas da Arábia; e Trajano já se ufanava de estar a aproximar-se das fronteiras da Índia. O surpreendido Senado recebia diariamente a informação de novos nomes e novas nações que reconheciam a sua soberania. Soube-se que os reis do Bósforo, Cólquida, Ibéria, Albânia, Osdroena e até o próprio monarca dos Partos haviam aceite os seus diademas das mãos do imperador; que as tribos independentes dos montes Medos e Carducos haviam implorado a sua protecção; e que as ricas regiões da Arménia, Mesopotâmia e Assíria se encontravam reduzidas ao estado de províncias. A morte de Trajano, no entanto, depressa obscureceu o esplêndido panorama; e temia-se, com razão, que nações tão afastadas se desfizessem do inacostumado jugo quando deixassem de estar refreadas pela mão poderosa que lho impusera.

Reza uma antiga tradição que, quando o Capitólio foi fundado por um dos reis romanos, o deus Termo (que protegia os limites e era representado, segundo o uso dessa época, por um grande marco de pedra) foi o único, entre todas as divindades inferiores, que recusou ceder o seu lugar ao próprio Júpiter. Inferiu-se algo de bom da sua obstinação, que foi interpretada pelos áugures como um presságio seguro de que as fronteiras do poder romano jamais recuariam. Durante muitos séculos, como acontece frequentemente, a predição contribuiu para a sua própria consumação. Mas, embora tivesse

resistido à majestade de Júpiter, Termo submeteu-se à autoridade do imperador Adriano. A primeira medida do seu reinado foi a renúncia a todas as conquistas realizadas no Oriente por Trajano. Devolveu aos Partos o direito de elegerem um soberano independente; retirou as guarnições romanas das províncias da Arménia, Mesopotâmia e Assíria; e, em conformidade com o preceito de Augusto, voltou a estabelecer o Eufrates como fronteira do império. A censura, que estigmatiza as acções públicas e os móveis privados dos príncipes, atribuiu à inveja uma conduta que podia ser fruto da prudência e moderação de Adriano. A personalidade multiforme deste imperador, sucessivamente capaz dos mais mesquinhos e dos mais generosos sentimentos, pode dar um certo fundamento à suspeita. No entanto, dificilmente ele conseguiria emprestar mais realce à superioridade do seu antecessor do que confessando-se a si próprio incapaz da tarefa de defender as conquistas de Trajano.

O espírito marcial e ambicioso de Trajano fez um contraste muito singular com a moderação do seu sucessor. A actividade incansável de Adriano não foi menos notável, se comparada com a suave tranquilidade de Antonino Pio. A vida do primeiro foi quase uma constante viagem; e, sendo dotado dos variados talentos do soldado, do estadista e do letrado, satisfez os seus gastos no cumprimento do dever. Insensível à diferença de estações e de climas, caminhou a pé e de cabeça descoberta sobre as neves da Caledónia e as abrasadoras planícies do Alto Egipto; e também não houve uma só província do império que, no decurso do seu reinado, não fosse honrada com a presença do monarca. Pelo contrário, a vida tranquila de Antonino Pio decorreu no seio de Itália; e, ao longo dos vinte e três anos em que dirigiu a administração pública, as viagens mais longas deste amável príncipe não ultrapassaram a distância do seu palácio em Roma ao retiro da sua vila em Lanúvio.

Apesar desta diferença de comportamento pessoal, o sistema geral de Augusto foi também adoptado e uniformemente continuado por Adriano e pelos dois Antoninos. Todos persistiram no objectivo de manter a dignidade do império, sem tentar expandir as suas fronteiras. Serviram-se de todos os expedientes honrosos para atrair a amizade dos bárbaros; e esforçaram-se por convencer a humanidade de que o poder romano, erguendo-se acima da tentação da conquista,

era apenas movido pelo amor da ordem e da justiça. Durante um longo período de quarenta e três anos, os seus virtuosos labores coroaram-se de êxito; e, se exceptuarmos um pequeno número de ligeiras hostilidades que serviram para exercitar as legiões da fronteira, os reinados de Adriano e Antonino Pio oferecem uma bela perspectiva de paz universal. O nome romano foi venerado entre as mais remotas nações da Terra. Os mais ferozes bárbaros submeteram muitas vezes os seus diferendos à arbitragem do imperador; e somos informados por um historiador contemporâneo de que vira embaixadores vindos solicitar a honra da incorporação na categoria de súbditos e a quem tal fora recusado.

*Suprimiu-se, neste ponto, um quadro das forças armadas e das províncias.*

### *Conceito geral do Império Romano*

Esta longa enumeração de províncias, cujos pedaços fragmentados constituíram tantos reinos poderosos, quase poderia levar-nos a perdoar a vanglória ou a ignorância dos Antigos. Ofuscados pela imensa dominação, pela força irresistível e pela verdadeira ou fingida moderação dos imperadores, eles deram-se ao luxo de desprezar, e algumas vezes esquecer, os países longínquos que haviam ficado entregues ao gozo de uma independência bárbara; e foram-se arrogando gradualmente a licença de confundir a monarquia romana com o globo terrestre. Mas a têmpera e também o saber de um historiador moderno exige uma linguagem mais sóbria e cuidadosa. Pode fornecer uma imagem mais justa da grandeza de Roma mencionando que o império tinha mais de duas mil milhas de largura, desde a muralha de Antonino e as fronteiras setentrionais da Dácia, até ao monte Atlas e ao trópico de Câncer; que ele possuía um comprimento de mais de três mil milhas, desde o oceano Ocidental ao Eufrates; que se situava na melhor parte da zona temperada, entre os vinte e quatro e cinquenta e seis graus de latitude norte; se avaliava a sua superfície em seiscentas mil milhas quadradas, na sua maioria de terra fértil e bem cultivada.